

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A COMPREENSÃO SISTÊMICA DO *BULLYING*

**Trabalho apresentado como requisito
parcial à obtenção do certificado do Curso de
Bullying.**

Denise Franco Duque
Carolina Fermino da Silva
Carolina Duarte de Souza
Luciana Cristina Assini
Maria da Glória de M. Carneiro
Naiane Carvalho Wendt Schultz

Florianópolis
27 de outubro de 2008

A COMPREENSÃO SISTÊMICA DO *BULLYING*

O *bullying* constitui-se em uma preocupação de pesquisadores, educadores e profissionais da saúde do mundo inteiro por ocorrer em qualquer tipo de escola: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana, independente das condições sociais e econômicas das pessoas envolvidas. De modo paradoxal, ocorre justamente no lugar em que, em tese, as crianças e adolescentes deveriam aprender o convívio social com respeito ao outro e a exercitar e desenvolver sua individualidade e subjetividade sem coerção (Duque, 2007).

A palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully* que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. Também pode ser empregado como adjetivo referindo-se a valentão ou tirano (Michaelis, 2008). Emprega-se esta expressão para explicar um fenômeno relacional comumente observado em grupos, sobretudo em escolas, caracterizado pela presença de comportamentos agressivos, cruéis, intencionais e **repetitivos** adotados por uma ou mais pessoas contra outras, sem motivação evidente. Destaca-se a palavra **repetitivo**, pois é a persistência do comportamento hostil, repulsivo e intimidador contra uma mesma pessoa ou grupo que determina o *bullying* (Fante, 2005; Almeida, 2008).

Com o intuito de enriquecer as discussões sobre o conceito *bullying* opta-se neste trabalho por uma descrição relacional sistêmica desse fenômeno. Esta compreensão está pautada no paradigma sistêmico que se fundamenta nos seguintes pressupostos (Vasconcellos, 2002):

1. Complexidade - reconhece a pluralidade de fatores envolvidos e a necessidade de contextualização dos fenômenos, assim como a causalidade recursiva ou circular, contrária à causalidade linear de causa-efeito. Relaciona-se a este pressuposto o princípio da totalidade, no qual se considera que uma mudança ocorrida em uma parte/membro do sistema repercute em alterações em todo o sistema.

2. Instabilidade - considera a constante transformação do mundo e reconhece a indeterminação, imprevisibilidade e incontrolabilidade de alguns fenômenos, tendo em vista que a modificação em uma das partes gera modificações, por vezes imprevisíveis, no todo, que por sua vez afeta o curso de um sistema.

3. Intersubjetividade - admite que não há uma realidade neutra, independente do observador.

Partindo do exposto acima, uma análise sistêmica do *bullying* precisa considerar a complexidade das relações entre os vários sistemas envolvidos na situação emergente: o alvo, o autor, as testemunhas, a(s) turma(s) envolvida(s), o/a(s) professor/a(s), a escola, as famílias dos envolvidos, a comunidade à qual pertence a escola, a cultura na qual estão inseridos, as regras, os valores, entre outros.

A complexidade do fenômeno e a consideração de que a intervenção em um fator repercute em todos os demais faz com que todos os fatores acima citados estejam implicados não só com a ocorrência do *bullying*, como também com a sua prevenção e resolução. Contudo, como episódios ocorrem (na maioria das vezes) no contexto escolar, a resolução pode e deve dar-se na própria escola. Isso não significa que se abdique da participação dos outros sistemas envolvidos, mas se considera que este deva ser o contexto de discussão das dificuldades apresentadas (Cronicci & McCulloch, 1999).

Frente à diversidade de pessoas e sistemas envolvidos e suas múltiplas interações, não se pode reduzir o *bullying* apenas às características individuais dos sujeitos em questão e, tampouco, a uma interação autor-alvo que ignore a teia complexa de relações envolvidas na manutenção do fenômeno. Ademais, é necessário investigar as condições e implicações do sujeito ao se colocar nas posições de alvo, autor, e/ou testemunha dos episódios de maus-tratos. Por fim, deve se levar em conta a história e a cultura de cada sujeito participante, bem como a história de cada relação existente no contexto estabelecido (Catini, 2004).

Importa ainda atentar para o fato de existirem tantas versões para os episódios de *bullying* quantos subsistemas (neste caso pessoas, grupos, turmas, “panelinhas”) estiverem envolvidos. Todas elas precisam ser consideradas na compreensão do fenômeno.

Beaudoin e Taylor (2006) afirmam ser incongruente no estudo do *bullying* centrar-se apenas em atos isolados de cada indivíduo, em fatores isolados, ou ainda, em determinada cultura. Recomendam que não se culpe a cultura ou os indivíduos isoladamente (sejam estes agressores, vítimas, pais ou professores), mas que se considere a interação entre os muitos fatores que contribuem para essa problemática (ainda que involuntariamente) e como esses fatores são sentidos no contexto da vida dos alunos.

Urie Bronfenbrenner autor que preconizou a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que por sua vez é utilizada como compreensão do desenvolvimento na Abordagem Sistêmica, propõe que o desenvolvimento de uma pessoa ocorre a partir da interação dinâmica de quatro núcleos multidirecionais e inter-relacionados, a saber – Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT) (Bronfenbrenner e Morris, 1998):

1. Pessoa: características pessoais que podem influenciar na maneira pela qual os outros interagem com o sujeito em desenvolvimento. Existem três tipos de características da pessoa que influenciam e moldam o curso do desenvolvimento humano: a) disposições - que podem inibir ou colocar os processos proximais em movimento e continuar sustentando a sua operação, b) recursos - habilidades, experiências e conhecimento para que os processos proximais sejam efetivos ou não em determinada fase de desenvolvimento, c) características de demanda, que convidam ou desencorajam reações do contexto social, podem nutrir ou romper a operação de processos proximais.

2. Processo: conexões entre os diferentes níveis, papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento. Para se desenvolver intelectual, emocional, social e moralmente um ser humano requer a participação ativa em interações progressivamente mais complexas e recíprocas com pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato. Para ser efetiva, a interação tem que ocorrer em uma base bastante regular em períodos estendidos de tempo. Os processos proximais, considerados os motores do desenvolvimento, são aqueles em que há participação efetiva, face a face, constante, recíproca e progressivamente mais complexa.

3. Contexto: meio ambiente global em que o indivíduo está inserido e onde se desenrolam os processos desenvolvimentais. Abrange tanto os ambientes mais imediatos nos quais vive a pessoa em desenvolvimento, como os mais remotos, em que a pessoa nunca esteve, mas que se relacionam e têm o poder de influenciar o curso de desenvolvimento humano. Esses ambientes, também denominados de subsistemas são:

- **Microsistema:** ambientes do ciclo de relações mais próximas do sujeito, com os quais ele interage face-a-face e exerce diferentes papéis em cada um.
- **Mesosistema:** são as inter-relações entre dois ou mais ambientes do microsistema, sendo modificado sempre que ela passe/deixe de fazer parte de ambientes.
- **Exossistema:** são os sistemas nos quais o sujeito em desenvolvimento não é participante ativo, mas nos quais podem ocorrer eventos que o afetem e vice-versa.
- **Macrossistema:** envolve e permeia todos os outros ambientes, formando uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra.

4. Tempo: pode ser entendido como o desenvolvimento no sentido histórico. A passagem de tempo em termos históricos tem efeitos profundos em todas as sociedades, assim como pequenos episódios da vida familiar podem ter significativa influência no desenvolvimento das pessoas da família num dado momento de suas vidas. Refere-se tanto

às continuidades quanto às mudanças e interrupções ao longo do ciclo vital do indivíduo e das gerações.

Esse modelo de compreensão do desenvolvimento humano reforça a importância de considerar-se o *bullying* como um fenômeno relacional, que sofre influência de diversos sistemas. Sob esse enfoque pode-se entender que o autor de maus tratos, por exemplo, não apenas é um agente produtor da violência, como pode ter tido seu desenvolvimento moldado pela violência, através de padrões agressivos de interação e fatores facilitadores de *bullying* e desrespeito, ou seja, pode estar reproduzindo padrões relacionais de outros microssistemas nos quais participa ou aprendidos como meio de resolução de problemas. Há evidências de que esse padrão relacional resulta de comportamento aprendido precocemente (em torno dos dois anos de idade) e pode manifestar-se através de atos de violência física ou emocional e assumir formas diretas ou indiretas de ameaças (U.S. Department of Health & Human Services, 2008).

Os indivíduos ou grupos que praticam *bullying* são chamados autores de *bullying*, os quais raramente agem sozinhos. Estes atos de intimidação frente a um alvo se tornarão constantes e serão transformados em *bullying* se houver um *grupo de apoiadores* que os incentive, encorajando e valorizando o comportamento do valentão ou do grupo de valentões.

Ainda referente às características pessoais dos autores de *bullying*, freqüentemente podem ser citadas as disposições como a impulsividade, agressividade, irresponsabilidade, ansiedade, insegurança e elevada auto-estima. A insegurança traduz-se justamente na manutenção de um padrão que freqüentemente inibe os contatos interpessoais e processos proximais, mas que no contexto em que ocorre é encorajado e valorizado, tornando os autores de *bullying* reconhecidos, ainda que pelo medo que inspiram. Possivelmente por não terem experienciado padrões relacionais diferentes, esses indivíduos não puderam desenvolver a habilidade – recursos - de relacionar-se de forma recíproca e afetiva. Dentre as demandas dos autores de *bullying* geralmente encontram-se: beleza, alta estatura, utilização de roupas e acessórios da moda.

Aqueles que somente sofrem *bullying* são chamados de *vítimas* ou *alvos* de *bullying* (sendo a última a denominação mais comumente encontrada na literatura) e podem ser vítimas passivas ou vítimas provocadoras, no caso das que provocam e desafiam os autores. Algumas pessoas, entretanto, podem tanto sofrer quanto praticá-lo. Estas são denominadas alvos-autores (Olweus, 1993).

Os alvos ou vítimas de *bullying* passivas apresentam, em geral, disposições como fragilidade, timidez, baixa auto-estima e, por vezes apatia. Os alvos ou vítimas provocadores podem possuir disposições como hiperatividade, inquietação, dispersão e condutas ofensivas. Ambos podem ser considerados como bons alunos ou ter alguma dificuldade de aprendizado ou ainda motora, ou de visão, ou de audição e de impor-se ao grupo como características dos recursos. Com relação às demandas, com frequência podem falar com sotaque diferente, ter a pele de outra cor, vestir-se de modo pouco usual, estar acima do peso ou muito abaixo, dentre outros. De modo geral, são consideradas pelos demais como pertencentes a um status social inferior, as quais são transformadas em objeto de diversão e prazer por meio de ‘brincadeiras’ maldosas e intimidadoras realizadas por um indivíduo ou grupo (Observatório da Infância, 2008).

As demais pessoas que presenciam e convivem com as situações de violência e intimidação, perpetradas contra o alvo, são denominados testemunhas. Quando adotam a lei do silêncio testemunham a tudo, mas nada fazem por medo de ser a próxima vítima. Também nesse grupo estão alguns alunos que não participam dos ataques, mas manifestam apoio ao agressor. Assim, as principais características das testemunhas referem-se às disposições tais como: ausência de iniciativa e de senso de auto-eficácia, que os impede tanto de defender o alvo, quanto solicitar ajuda ou participar ativamente dos ataques.

Cabe ressaltar que Bronfenbrenner e Morris (1998) consideram as características relacionadas às disposições citadas para os alvos, autores e testemunhos como disposições inibidoras, que dificultam o desenvolvimento de competências no curso do desenvolvimento. Além disso, a maneira como as demais características constituintes dos recursos e demandas em todos os personagens dos episódios de *bullying* são percebidas ou utilizadas corroboram para tal fim. Disto, podemos deduzir que o *bullying* não é maléfico apenas para o desenvolvimento dos alvos, mas também para o dos autores e das testemunhas.

Esse entendimento permite que se quebre com a dicotomia agressor-vítima, pois se consideram as percepções dos diferentes sujeitos envolvidos e se dá voz aos diversos sofrimentos implicados nos episódios de *bullying* (Oliboni, 2008).

Com relação aos contextos ou subsistemas envolvidos neste fenômeno pode-se identificar comumente:

- Microsistemas: escolas muito permissivas, sem regras claras ou sem o cumprimento das mesmas, imperando a crença que episódios de *bullying* constituem-se em brincadeiras e/ou que problemas de mau-comportamento são de responsabilidade da família, etc.;

famílias com dificuldades de colocar limites, pouco participantes da vida dos filhos, podendo chegar à negligência, com padrões de relacionamento, no caso dos autores, que incluem desrespeito, agressividade ou violência, etc; vizinhança e comunidade pouco participativa ou ativa na vida/comportamento das crianças e adolescentes, com alta tolerância para o desrespeito, agressividade e violência, etc.

Costantini, (2004) alega que contextos com pouca possibilidade de troca, que não conseguem construir relações de negociação entre os seus membros são espaços propícios para a ocorrência de *bullying*.

- Mesossistemas: caracterizado pela pouca ou nenhuma inter-relação entre os microsistemas.
- Exossistema: pode incluir os ambientes de trabalho, lazer e *hobbies*, nos quais há também alta tolerância para o desrespeito, agressividade e violência, o que por sua vez, colabora para naturalizar a violência e, conseqüentemente, o *bullying*; podem exigir em demasia a presença e atenção dos pais/professores/coordenadores, o que os torna pouco disponíveis para atentar para os comportamentos e sentimentos dos filhos/alunos; podem incluir os ambientes onde são traçadas as políticas públicas e educacionais que não conhecem, nada fazem ou ainda trabalham com vista à prevenção e diminuição do *bullying*.
- Macrossistema: inclui todo o sistema educacional e a cultura do país/continentes, bem como a sub-cultura regional. Beaudoin e Taylor (2006) ressaltam as especificações da cultura ocidental, tais como o *patriarcado*, o *capitalismo*, o *individualismo*, o *racismo*, a *competitividade* e o *adultismo* como incentivadoras e promotoras de *bullying*. O patriarcado contribui com concepções socialmente transmitidas a respeito das diferenças de gênero que atribuem maior valor e poder aos indivíduos de sexo masculino em detrimento do feminino. Estas concepções influenciam na educação de meninas tornando-as mais atentas às necessidades alheias, a sacrificarem-se pelos demais, a desenvolver empatia, ao passo que levam meninos a serem durões, pouco afetivos, pouco sensíveis, protetores e independentes. (Ravazzola, 1997). O sistema capitalista e o individualismo da sociedade ocidental contemporânea tem nos levado a conceber como naturais o sucesso pessoal e os processos competitivos concentrados na aquisição de bens materiais e financeiros enfatizando necessidades e direitos individuais em detrimento da coletividade. Os discursos racistas fomentam o surgimento de julgamentos preconceituosos e nos levam a hierarquizar as relações e ao sectarismo social. Finalmente o adultismo, compreendido como valoração exclusiva do saber e poder adulto, contribui com o desrespeito às crianças e adolescentes

uma vez que os considera incapazes de emitir opinião e de participarem das decisões que lhes afetam.

- Os processos e o tempo referentes ao *bullying* caracterizam-se pelos episódios, constantes, recorrentes e progressivamente complexos, tendo em vista que se iniciam com pequenas zombarias e intimidações e chegam, em muitos casos, a atos de violência de fato.

As crianças que sofrem *bullying*, dependendo de suas características individuais e de suas relações com os meios em que vivem, em especial as famílias, poderão não superar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos na escola. Poderão crescer com uma auto-imagem negativa, com baixa auto-estima, depressão e desenvolver sérios problemas de relacionamento marcados pela desconfiança e insegurança nos vínculos. Podem vir a assumir também um comportamento agressivo, podendo em seu futuro vir a sofrer ou a praticar o *bullying* no trabalho. Em casos extremos, alguns deles podem tentar ou vir a cometer suicídio.

Os alvos de *bullying* podem ser reconhecidos por apresentar, com frequência, desculpas para faltar às aulas ou indisposições, como dores de cabeça, de estômago, diarreia, vômitos, antecedendo o horário de ir à escola; solicitação para mudar de sala ou de escola, sem apresentar motivos convincentes; desmotivação com os estudos, queda do rendimento escolar ou dificuldades de concentração e de aprendizagem; regresso da escola irritado ou triste, machucado, com as roupas ou materiais escolares sujos ou danificados; aspecto contrariado, deprimido, aflito ou medo de voltar sozinho da escola; dificuldades de se relacionar com os colegas, de fazer amizades; isolamento, sem querer contato com outras pessoas, senão os familiares, etc. (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar, 2008).

Dentre as principais formas de maus-tratos ou intimação referidas pelos diversos autores consultados citam-se (Fante, 2005; Observatório da Infância, 2008):

- Físico (bater, chutar, beliscar).
- Verbal (apelidar, xingar, zoar, insultar).
- Moral (difamar, caluniar, discriminar).
- Sexual (abusar, assediar, insinuar).
- Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir).
- Material (furtar, roubar, destruir pertences).
- Virtual (zoar, discriminar, difamar, por meio da internet e celular).

O *bullying* virtual é também chamado de *cyberbullying* e constitui-se no ataque de uma pessoa a outra com o uso de tecnologias interativas, como e-mails, telefones celulares,

blogs, chats, mensagens de texto e outros dispositivos eletrônicos. No *cyberbullying* recorre-se à tecnologia para ameaçar, humilhar ou intimidar alguém através da multiplicidade de ferramentas da nova era digital. Embora ocorra virtualmente, o *cyberbullying* geralmente leva a conflitos físicos reais, assim como a sentimentos de depressão, desespero e perda.

Segundo Almeida (2008), as formas diretas de ameaças são mais empregadas por meninos e são transmitidas ao alvo de forma clara. As indiretas, que se manifestam através de exclusão deliberada, de difamação e improperios propagados anonimamente, são mais comumente empregadas pelas meninas e são ainda mais difíceis de serem detectadas e conseqüentemente, solucionadas.

No final da década de 80 os primeiros dados estatísticos acerca da prevalência de *bullying* foram divulgados por Olweus e Roland, os quais constataram que 1 em cada 7 crianças estava envolvida com esse tipo de violência (Lopes, Monteiro & Saavedra, s/d). No Brasil as primeiras pesquisas foram iniciadas na década de 90. Entre os trabalhos de pesquisa realizados destacam-se o de Marta Canfield e colaboradores desenvolvido em 1997 no Rio Grande do Sul; o de Israel Figueira e Carlos Neto realizado em 2000 e 2001 no Rio de Janeiro e o de Cleo Fante em 2002 nas escolas do interior paulista (Catini, 2004).

A Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) revela que 28% das crianças brasileiras já foram vítimas de *bullying* nas escolas e 15% sofrem agressões semanalmente. Dados do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar indicam que entre os estudantes do ensino fundamental no país 45% já foram vítimas, agressores ou ambos.

Nos quatro estudos sobre o fenômeno *bullying* em escolas do interior de São Paulo entre 2001 e 2003 realizados por Fante (2005) foi possível constatar que em torno de 49,8%¹ dos alunos envolveram-se em condutas de *bullying*, sendo 22,4% alvos (vítimas), 14,9% autores e 12,83% alvos e autores. Entre os comportamentos de maior prevalência estavam os maus-tratos verbais, sendo que os apelidos pejorativos e as gozações eram predominantes. O local de maior incidência em todos os estudos era sala de aula.

Em 2002 e 2003, em parceria com a Petrobrás, o IBGE e a Secretaria de Educação Municipal do Rio de Janeiro, a Abrapia realizou um projeto intitulado “Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes em 11 escolas do Rio de Janeiro”. Os dados parciais coletados na fase de diagnóstico confirmam os encontrados por Fante (2005) e

¹ Média percentual entre os quatro estudos.

revelaram que 40,5% dos alunos entrevistados assumiram ter tido algum envolvimento com *bullying* no ano de 2002, como alvo ou autor (Lopes, Monteiro & Saavedra, s/d).

Entre os comportamentos identificados a maior prevalência foi para “apelidar”, com 54,2%. Dentre os locais de ocorrência de *bullying*, 60% foi em sala de aula, restando para recreio, portão e corredores 16,1%, 15,9% e 7,8% respectivamente. Quanto às reações dos alunos-alvo, constatou-se que 49,9% declararam que não davam atenção ou ignoravam, seguidas de 16,7% que relataram defenderem-se, 12,3% que pediam que parassem, 8,4% que choravam, 4,5% que solicitavam ajuda, 3,4% que fugiam ou não iam à escola e 4,5% que mencionaram outras reações. Dos alunos que testemunhavam *bullying* na escola 33,4% admitiram sentir pena da vítima e 26,5% sentiram-se mal (Lopes, Monteiro & Saavedra, s/d).

A partir desses dados é possível constatar que o *bullying* é uma realidade para quase metade das crianças e adolescentes das escolas brasileiras, sendo sua maior ocorrência em sala de aula. Para Fante (2005) esse pode ser um indicador de que os professores não conseguem distinguir violência e brincadeiras próprias da idade entre os escolares, o que corrobora para que os casos de *bullying* não sejam identificados e acarreta um falso diagnóstico da realidade escolar, que por sua vez auxilia para que esse tipo de violência se perpetue nas escolas.

Almeida (2008), afirma que é de fundamental importância distinguir o *bullying* de outras formas de comportamentos indesejados presentes no convívio escolar. De acordo com ela, deve-se diferenciar *bullying* de brincadeiras turbulentas, nas quais se verificam sinais de prazer e diversão em todos envolvidos; de atos de indisciplina ou insubordinação, de agressividade e de comportamentos anti-sociais, pois estes não envolvem atitudes persistentes de intimidação, controle e domínio contra uma vítima incapaz de defender-se das ameaças e podem ter, ao contrário do que se verifica em situações de *bullying*, um caráter explosivo, impulsivo e emocional.

Acredita-se que as escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus alunos possivelmente desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Segundo Monteiro (2008), a escola que afirma a não ocorrência de *bullying* é provavelmente aquela onde há mais incidência dessa prática, pois nada é feito para prevenir e reprimir tais atos. “Quando não há intervenções efetivas contra o *Bullying*, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado. Todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo” (Observatório da Infância, 2008). Alguns alunos testemunhas de *Bullying*, quando percebem que o comportamento

agressivo não acarreta nenhuma consequência a quem o pratica, poderão também passar a adotá-lo.

Quanto mais jovem a criança alvo ou testemunha de *bullying*, mais impotente ela se sentirá para pedir ajuda. O medo das ameaças dos mais fortes e poderosos, a percepção de que delatar só faria aumentar a hostilidade e as gozações, ou simplesmente a interpretação social compartilhada pela maioria dos adultos, de que tudo não passa de uma brincadeira de mau gosto, acarreta a percepção de que ninguém será capaz de auxiliá-la e que só lhe resta agüentar tudo calada e sozinha (Constantini, 2004).

Por esta razão é imprescindível que os adultos não pensem que a agressão constituiu-se em experiência inevitável na vida das crianças e que é natural que elas tenham que enfrentar intimidação durante sua vida escolar. Esta concepção contribui com a tendência da vítima em manter secreto seu sofrimento e colabora para tornar invisível este tipo de violência. Conseqüentemente, contribui para banalizar o fenômeno durante a vida escolar de crianças e de adolescentes e para perpetuar a situação de ameaça e de injustiça cujo resultado pode ser avassalador.

Compreender o *bullying* como um fenômeno sistêmico, implica em considerar que uma intervenção, seja essa de prevenção ou tratamento, em determinada parte – escola, família, sistema educacional, valores, regras, alvos, autores, testemunhas, pais, professores, etc – influenciará e gerará mudanças em todas as demais. Desse modo, são expostas orientações de prevenção/auxílio às crianças e adolescentes, aos pais e à escola.

As crianças e adolescentes devem ser informadas sobre o *bullying* e de que isto não faz parte de uma convivência adequada entre colegas. Devem ser orientadas a (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar, 2008; Observatório da Infância, 2008; SaferNet, 2008; Vuoto, 2008):

- Sempre contar para um adulto em quem possa confiar - pode ser um professor, diretor de escola, pai, mãe, alguém de sua família ou pai de um amigo - sobre comportamentos de *bullying*.
- Mesmo que pense que resolveu o problema, contar para um adulto se acontecer novamente.
- Escrever e entregar para um adulto de sua confiança caso ache difícil falar sobre ser alvo de *bullying*.
- Tentar permanecer durante os intervalos e no horário do lanche em áreas seguras da escola e onde houver grande concentração de alunos.

- Se for ferido na escola, informar o diretor ou um professor imediatamente.
- Relatar a seus pais o ocorrido.
- Nas paradas de ônibus da escola, tentar ficar perto de adultos.
- Se tiver que andar parte do caminho e estiver receoso de ser atacado, variar a rota.
- Tentar chegar um pouco mais tarde, ou um pouco mais cedo ou andar com alunos próximos.
- Nas ruas, procurar os guardas municipais e solicitar auxílio.
- Se vir alguém sofrendo *bullying* na escola, contar para um adulto de confiança.
- Sempre pedir permissão/avisar para os pais quando for entrar na Internet.
- Não conversar com estranhos, nem aceitar nada deles na Internet sem autorização dos pais/responsáveis.
- Nunca usar o nome verdadeiro nos jogos, chat, e-mail ou site de relacionamento.
- Não informar, nem mostrar o endereço, telefone, nome da escola ou dos parentes.
- Sempre que acontecer algo estranho, chamar um adulto de confiança para denunciar.
- Falar sobre os problemas com que se confrontam na Internet ou com outras tecnologias.
- Ser assegurada de que tem o direito de se sentir segura e que os adultos podem tomar atitudes para fazer parar o *bullying*.
- Sublinhar que pedir ajuda não é um sinal de fraqueza, mas uma forma de afirmação que envia uma mensagem ao autor de *bullying* que o seu tipo de comportamento não será tolerado e que não lhe será permitido continuar.

Os pais devem contribuir das seguintes maneiras (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar, 2008; Observatório da Infância, 2008; SaferNet, 2008; Vuoto, 2008):

- Em primeiro lugar incentive os filhos a falar em casa sobre o dia-a-dia deles, suas experiências com os colegas, no esporte e na sala de aula.
- Observe principalmente se têm amigos, se possuem auto-estima adequada e se sentem que são respeitados em seu modo de ser e expor suas idéias.

A criança ou adolescente quando está sofrendo *bullying* apresenta mudanças em seu comportamento e em seu humor, podendo fechar-se exageradamente em si, isolando-se cada vez mais. É comum que passe a se relacionar somente com crianças que também estejam passando ou tenham passado por *bullying*, formando um grupinho ou dupla dos diferentes. Muitos manifestam falta de vontade de ir à escola, insatisfação e desânimo

crecentes com a escola, sem, no entanto, conseguirem falar sobre as razões que os levaram a isto.

Caso desconfie que seu filho esteja envolvido num processo de *bullying*, vá à escola e procure informar-se com clareza sobre o que se passa com seu filho. Muitas vezes ninguém na escola observou ou caracterizou a existência de *Bullying* e será necessário que você os convença a investigar.

- Observe qualquer mudança no comportamento, por mais insignificante que lhe pareça.
- Não culpe a criança pela vitimização sofrida.
- Transforme o seu lar num local de refúgio e segurança, através da manifestação de afeto e apoio incondicional.
- Ajude a criança a expressar-se com segurança e confiança, evitando orientá-la ao revide.
- Valorize os aspectos positivos da criança.
- Converse sobre as dificuldades pessoais e escolares, assim estará fortalecendo a sua auto-estima e sua resistência imunológica.
- Procure ajuda psicológica e de profissionais especializados no assunto, quando perceber que a situação é mais séria e está gerando sintomas frequentes ou reações emocionais indesejáveis.
- Não ignore a vitimização, acreditando que “isso faz parte do aprendizado”, ou que “ajudará a superar as adversidades da vida”.
- Reconheça que a criança/adolescente precisa de ajuda.
- Não faça de conta que está tudo bem.
- Reflita sobre o modelo educativo que está oferecendo, pois sem dúvida, o uso da violência e das explosões emocionais para se fazer obedecido, além do excesso ou falta de limites, podem estar colaborando para que esses tipos de comportamentos sejam aprendidos e reproduzidos contra outros.
- Evite bater ou aplicar castigos demasiadamente severos. Isso só promove raiva e ressentimentos.
- Demonstre que você o(a) ama, apesar de não aprovar esse seu comportamento, quando o filho(a) for autor de *bullying*.
- Procure saber por que ele(a) está agindo assim e o que poderia ser feito para ajudá-lo(a).

- Garanta que você quer ajudá-lo(a) e que vai buscar alguma maneira de fazer isso.
- Tente identificar algum problema atual que possa estar desencadeando esse tipo de comportamento. Nesse caso, ajude-o(a) a sair disso.
- Com o consentimento dele, entre em contato com a escola, converse com professores, funcionários e amigos que possam ajudá-lo(a) a compreender a situação.
- Dê orientações e limites firmes, capazes de ajudá-lo(a) a controlar seu comportamento.
- Procure auxiliá-lo(a) a encontrar meios não agressivos para expressar suas insatisfações.
- Encoraje a pedir desculpas ao colega que ele(a) agrediu, seja pessoalmente ou por carta.
- Tente descobrir alguma coisa positiva em que ele(a) se destaque e que venha a melhorar sua auto-estima.
- Procure criar situações em que ele(a) possa se sair bem, elogiando-o(a) sempre que isso ocorrer.

Se o problema aparece na escola é lá que deve se tentar buscar alternativas para solucioná-lo. Antes de tudo, porém, os educadores têm que ter desnaturalizado a violência e ter capacidade de reconhecer quando o *bullying* estiver presente. Se o problema é coletivo, é na coletividade que deveremos buscar as soluções. Cabe à escola envolver a comunidade escolar promovendo discussões abertas sobre o que está ocorrendo de forma a tornar visível a violência, para que em primeiro lugar, seja desnaturalizado o *bullying*. Muitas vezes, alcança-se este reconhecimento somente através de dinâmicas que promovam o contato com as experiências infantis de cada um dos educadores. Além disso, a escola deve (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar, 2008; Observatório da Infância, 2008; SaferNet, 2008; Vuoto, 2008):

- Preparar os professores e o corpo docente da escola para lidar com episódios de *bullying*.
- Proporcionar atividades que trabalhem os sentimentos dos alunos, visando o resgate da saúde emocional.
- Desenvolver atividades solidárias, esportivas, culturais, manuais, visando a canalizar a agressividade para ações pro-ativas.
- Estimular atividades em grupo que desestimulem a competição e o individualismo.
- Ensinar os alunos a conviver e respeitar as diferenças.

- Desenvolver valores humanos como a tolerância, a solidariedade e a paz.
- Utilizar filmes que auxiliem a discussão sobre preconceitos e discriminação do diferente.
- Desenvolver ações, como debates sobre o assunto, com participação de pais e educadores, criando um clima de comunicação aberta e conversas regulares sobre *bullying*, internet e as tecnologias, em vez de esperar e abordar o assunto apenas quando os problemas surgirem.
- Debater sobre atividades preferidas dos alunos na Internet e sobre os possíveis riscos envolvidos nessas atividades.
- Trabalhar sobre a cordialidade e o respeito nas relações virtuais discutindo sobre as diferenças em relação ao mundo "presencial".
- Discutir as inovações do espaço virtual, o ciberespaço, em relação às distâncias e fronteiras geográficas.
- Debater sobre sexualidade, intimidade e privacidade também nas relações virtuais e quais os limites.

Sabemos que as crianças e adolescentes, quando são apoiados pelos adultos, e lhes é dada a possibilidade de participar dos processos de decisão, são capazes de pensar responsabilmente em saídas e de encontrarem meios de organização e proteção para que ações violentas não se repitam.

No Brasil existem alguns meios disponíveis de auxílio direto às vítimas de *bullying* e outras violências. São eles:

Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar, que disponibiliza um email - cemeobes@terra.com.br – que oferece ajuda e orientação em casos de *bullying* escolar.

SaferNet, site voltado para a prevenção e denúncias de crimes virtuais disponibiliza, além do próprio site, o e-mail - prevencao@safernet.org.br - para contato e denúncias.

Além dessas iniciativas, o Ministério público do Estado do Paraíba, conseguiu através de persistentes reivindicações que o “Disque 100” passasse a receber também denúncias de *bullying*.

Considerações Finais

Os estudos sobre *bullying*, realizados nas duas últimas décadas, por pesquisadores dos mais diversos países, têm demonstrado que este fenômeno encontra-se presente no cotidiano das instituições de ensino, constituindo-se num problema real e grave para quase metade das crianças e adolescentes em fase escolar. Por tratar-se de situações repetidas de violência nem sempre identificadas e reconhecidas como tal, é de fundamental importância a realização de investigações que possibilitem o diagnóstico a fim de caracterizar a incidência e abrangência do problema em cada instituição de ensino.

Após este primeiro passo para identificar ocorrências de *bullying* se faz necessário o engajamento de toda a comunidade escolar. Inicialmente devem-se promover meios de informar toda a comunidade escolar sobre em que o *bullying* se constitui, como se manifesta e quais são as conseqüências a curto, médio e longo prazo para cada um dos envolvidos, sejam eles alvos, atores ou testemunhas.

Por tratar-se de um fenômeno relacional, qualquer estratégia para ser bem sucedida deve trabalhar com base nas relações e abranger os diferentes sub-sistemas da comunidade escolar: alunos, funcionários, educadores, pais e as demais pessoas comprometidas com o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Em esforço conjunto pais, comunidade e escola devem criar e manter regras claras *anti-bullying* e planejar estratégias de prevenção e tratamento, pois se sabe que a ausência de intervenções efetivas contra o *bullying*, leva o ambiente escolar a torna-se totalmente contaminado por sentimentos de ansiedade e medo que acabam por afetar, de um modo geral, os processos de convívio e aprendizagem.

Conforme foi anteriormente destacado, o processo pode acarretar nos envolvidos, falta de vontade de ir à escola, insatisfação e desânimo crescentes com a escola acompanhados por silêncio, às vezes absoluto, a respeito das causas que levaram a este desinteresse. É comum que a criança ou adolescente que convive com *bullying* apresente mudanças em seu comportamento e em seu humor, podendo fechar-se exageradamente em si, isolar-se cada vez mais ou passar a se relacionar somente com aqueles que também estejam passando ou tenham passado por *bullying*. É imprescindível que métodos de tratamento sejam desenvolvidos para combatê-lo quando o *bullying* já estiver instalado.

Podem-se promover dinâmicas, tanto com educadores quanto com alunos, em que se discuta em grupos situações reais ou inventadas, para que cada um possa se colocar no lugar e desenvolver empatia por aqueles que sofrem *bullying* e juntos criarem regras de convívio e de combate ao mesmo. Alguns filmes podem ser de grande ajuda neste processo de desenvolvimento de respeito e empatia pelos demais, auxiliando a discussão sobre preconceitos e discriminação como é o caso dos excelentes *Billy Elliot* de Stephen Daldry,

Bang, bang: você morreu dirigido por Guy Ferland ou *Filhos do Paraíso*, de Majid Majidi (Irã, 1998).

Referências

- Almeida, A. (2008). *Bullying*. Comunicação oral. 08 e 10/10/2008.
- Beaudoin, M. N. & Taylor, M. (2006). *Bullying e desrespeito - Como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In: Damon, W. (Org.), *Handbook of child psychology* (V.1, p. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Catini, N. (2004). Problematizando o *bullying* para a realidade brasileira. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>. Acesso em: 24 outubro de 2008.
- Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação Sobre o *Bullying* Escolar – Cemeobes. (2008). Disponível em: <http://www.bullying.pro.br> Acesso em 24 de outubro de 2008.
- Costantini, A. (2004). *Bullying como combatê-lo?* (Tradução de Eugênio Vinci de Moraes). São Paulo: Itália Nova.
- Curonic, C. & McCulloch, P. (1999). *Psicólogos & Professores – Um ponto de vista sistêmico sobre as dificuldades escolares*. Bauru: Edusc.
- Duque, D. (2007). *Bullying - A violência invisível*. *Revista Dimensão*, 49, (nov./dez.), 24-25.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying - Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus.
- Lopes Neto, A. A.; Monteiro Filho, L.; Saavedra, L. H. (coordenação técnico-científica) *Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes – 2002/2003*. Disponível em <http://www.observatoriodainfancia.com.br> Acesso em 10 de outubro de 2008.
- Michaelis Dicionário Eletrônico Inglês/Português. (2008). Programa UOL.
- Monteiro, L. (2008). *Bullying: para combater é preciso reconhecer que ele existe*. Entrevista publicada no site Observatório da Infância. Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=312&var_recherche=bullying Acesso em 20 de outubro 2008.

- Observatório da Infância. (2008). *Bullying - O que todos precisam saber sobre bullying.* Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id_rubrique=19 Acesso em 17 de outubro de 2008.
- Oliboni, S. P. (2008). O *bullying* como violência velada: A percepção e a ação dos professores. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school.* Oxford USA: Blackwell Publishing.
- SaferNet (2008). Disponível em: <http://www.safernet.org.br> Acesso em 20 de outubro de 2008.
- Ravazzola, M.C (1997). Histórias infames: Los maltratos em las relaciones. Buenos Aires: Paidós,.
- U.S. Department of Health & Human Services. (2008). Substance abuse and mental health services administration, center for mental healthservices. Disponível em: www.samhsa.gov Acesso em 19 de outubro de 2008.
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). Pensamento Sistêmico – O novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus.
- Vuoto, D. (2008). No more *bullying*. Disponível em: <http://nomorebullying.blig.ig.com.br> Acesso em 17 de outubro de 2008.